

# A definição da conjunção *que* em dicionários para estudantes do ensino médio

*The definition of the conjunction  
that in dictionaries for high school students*

Ana Grayce Freitas de SOUSA<sup>1</sup>

Antônio Luciano PONTES<sup>2</sup>

**Resumo:** As conjunções são palavras relacionadas com os processos de subordinação e coordenação. São, nesse sentido, importantes, para a compreensão de períodos compostos. Como um dos papéis do dicionário escolar é o auxílio na leitura e na escrita, o registro e definição dessa classe gramatical é relevante para alunos que estão em fase de produção de textos mais complexos, pois a conjunção também funciona como um elemento coesivo. Assim, este trabalho tem como objetivo investigar como os dicionários do tipo 4 do Programa Nacional do Livro Didático - PNLD (2012) definem a conjunção “que”. Como bases teóricas, fundamentamo-nos em pesquisadores da Gramática, como Bechara (2009), Bagno (2012), Cunha e Cintra (2017), e da Lexicografia, como Biderman (1984), Pontes (2009) e Bugueño Miranda e Farias (2011). Nossas análises mostraram que os verbetes estudados se utilizaram de paráfrases por indicação de uso morfossintático e pragmático e paráfrases sinonímicas para definir o “que”. Isso indica que os dicionários levaram em consideração não somente a função sintática desempenhada pela conjunção para

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada – PosLA da Universidade Estadual do Ceará-UECE. E-mail: anagrayce@gmail.com

<sup>2</sup> Professor do curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada-PosLA da Universidade Estadual do Ceará-UECE. E-mail: pontes321@hotmail.com

defini-la, mas os diversos significados que ela pode assumir em diferentes contextos de uso, já que se trata de um elemento com uma variedade de usos e sentidos, reconhecidos pelas classificações apresentadas pelas definições.

**Palavras-chave:** Lexicografia Pedagógica; PNLD; Paráfrase.

**Abstract:** *Conjunctions are words related to the processes of subordination and coordination. In this sense, they are important for the understanding of compound periods. As one of the roles of the school dictionary is the aid in reading and writing, the registration and definition of this grammatical class is relevant for students who are in the stage of producing more complex texts, because the conjunction also functions as a cohesive element. Thus, this work aims to investigate how the type 4 dictionaries of the National Textbook Program - PNLD (2012) define the conjunction “que”. As theoretical bases, we are based on researchers of Grammar, as Cunha & Cintra (2017), Bechara (2009), Bagno (2012), and of Lexicography, as Pontes (2009), Biderman (1984) and Bugeño Miranda & Farias (2011). Our analyzes showed that the studied entries used paraphrases for indication of morphosyntactic and pragmatic use and synonymic paraphrases to define the “que”. This indicates that the dictionaries took into account not only the syntactic function developed by the conjunction to define it, but the different meanings that it can assume in different contexts of use, since it is an element with a variety of uses and meanings, recognized by the classifications presented by the definitions.*

**Keywords:** *Pedagogical Lexicography. PNLD. Paraphrase.*

## Introdução

Assim como o livro didático, o dicionário é tipo de obra que está presente em nossa formação escolar, especialmente nas aulas de língua portuguesa. Na grande maioria das vezes, recorreremos a ele, seja no suporte em papel ou eletrônico, à procura do significado de uma palavra que desconhecemos. A definição é, portanto, um dos elementos lexicográficos mais procurados pelos consulentes, sendo, às vezes, o único reconhecido por eles.

Embora a definição tenha essa importância para as obras lexicográficas, sua elaboração ainda é ponto de discussão entre os teóricos da Lexicografia - disciplina que tem como objeto de estudos os dicionários - visto que há várias abordagens sobre o tema e diversas orientações teóricas e metodológicas sobre a produção de uma definição eficiente. Como nos apontam Pontes (2009), Carvalho (2011), Bugeño Miranda (2009), Bugeño Miranda e Farias (2011), Farias (2013), a construção dessa definição deve levar em

consideração o possível leitor do dicionário, já que existem diferentes tipos de obras, com distintos objetivos, que são influenciados pelo nível de proficiência linguística do consulente.

Assim, ao entendermos que usuários diferentes exigem estratégias diferentes de estruturação das obras lexicográficas, estamos assumindo uma das premissas da Lexicografia Pedagógica, que investiga dicionários como materiais didáticos, utilizados em sala de aula, os chamados dicionários escolares, direcionados a um público em processo de aprendizagem e desenvolvimento da língua.

Este trabalho apresenta como foco um dos elementos lexicográficos que compõem o verbete desses dicionários, a definição. Nosso recorte serão as definições de palavras que despertam muitas dúvidas, não somente por seu significado, mas pelo seu uso, já que estão relacionadas com a construção da coesão nos textos, as conjunções. Consideradas conectores que contribuem para os processos de coordenação e subordinação, são relevantes para a escrita de estruturas complexas na produção de textos. Assim, nosso objetivo é investigar como os dicionários do tipo 4 do Programa Nacional do Livro Didático - PNLD (2012) definem a conjunção 'que'.

A opção pelos dicionários do tipo 4 deve-se ao público para o qual ele é indicado, alunos do ensino médio, ou seja, adolescentes que estão se preparando para vestibulares e seleções, escrevendo textos mais complexos, que exigem um conhecimento mais detalhado sobre os elementos coesivos. A seguir, passamos a discutir as teorias que fundamentaram este artigo.

## **As conjunções**

Conjunções, advérbios e preposições, segundo Bagno (2012), são classes de palavras que agrupam elementos com características bem diferentes, por isso, são consideradas heterogêneas. De acordo com o autor, as palavras pertencentes a essas categorias poderiam ser desdobramentos de uma "sopa gramatical primitiva" (BAGNO, 2012, p. 881) e, por essa razão, apresentam traços comuns que fazem com que a sua distinção, em alguns casos, seja difícil. Assim, para compreender as conjunções e distingui-las de

outras classes, muitas vezes, recorreremos a conhecimentos da Sintaxe, visto que elas participam dos processos de coordenação e subordinação das orações.

Desse modo, Cunha e Cintra (2017, p. 593), em uma visão mais tradicional da gramática, postulam que as conjunções são “os vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração”. Partindo desse princípio, os autores classificam as conjunções em dois tipos: i) as coordenativas – que conectam elementos que possuem independência sintática; e ii) as subordinativas – que conectam elementos dos quais um deles é dependente sintaticamente do outro.

Nessa perspectiva, podemos perceber que as conjunções têm um papel importante para a construção da coesão textual, já que podem ser entendidas como conectivos que auxiliam na junção de palavras e orações na estrutura textual. Quando conectam orações, participam diretamente dos processos de coordenação e subordinação que dão origem aos períodos compostos. Assim, quando uma conjunção liga orações e outros termos que possuem autonomia sintática, ela é chamada de coordenativa. Quando liga orações que são parte de outra oração, por isso, dependentes desta, são denominadas de subordinativas (CUNHA; CINTRA, 2017).

Há inúmeras classificações para as conjunções coordenativas e subordinativas, nas quais são levadas em consideração as relações lógico-semânticas estabelecidas pelas orações que compõem o período composto. Mas, pela brevidade deste trabalho, vamos nos ater à conjunção ‘que’ que pode assumir várias subclassificações e ainda participa da composição de uma série de locuções conjuncionais, formadas por palavras de outras classes gramaticais (advérbios, preposições, verbos) e essa conjunção. ‘Assim que’, ‘embora que’, ‘ainda que’, ‘nem que’ são exemplos dessas locuções.

Sobre as conjunções subordinativas, das quais o ‘que’ também faz parte, autores como Bechara (2009) e Bagno (2012) afirmam que elas possuem ainda outra função dentro do período composto: são responsáveis pela transposição de uma oração ao nível de uma palavra. Quando introduzem uma oração

subordinada substantiva, por exemplo, podem fazer com que esta assumam as mesmas funções sintáticas de um substantivo, como sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal. Por essa razão, Bechara (2009) as denomina de transpositores. Bagno (2012), por sua vez, assume que elas são nominalizadores, visto que transformam uma oração subordinada em um nome (substantivo, advérbio ou adjetivo).

Se essas conjunções fossem estudadas sob essa perspectiva, a compreensão do seu papel na construção do período composto poderia ser mais fácil, pois os alunos poderiam identificar mais facilmente os limites entre a oração subordinada e a matriz, o que ainda suscita várias dúvidas. Além disso, a classe das conjunções ficaria mais enxuta, já que inúmeras locuções conjuntivas seriam entendidas como a junção de uma outra palavra e um nominalizador/transpositor.

## **A definição no dicionário**

De modo bastante resumido, podemos compreender o dicionário como um livro que registra o léxico de uma língua. Como ressalta Brasil (2012), esse registro pode ser feito de várias formas, sob diversas perspectivas, com diferentes objetivos. Há dicionários que registram uma grande parte do léxico, enquanto outros fazem um recorte mais enxuto. Há aqueles voltados para a língua comum, outros para a linguagem especializada, de áreas técnicas. Há obras que apresentam apenas uma língua, outras duas ou mais. Há, portanto, uma variedade de tipos de dicionários, direcionados para um usuário em potencial.

Esse possível usuário, como ressalta Biderman (1984), será a base para as informações que estão presentes nas obras lexicográficas, pois, além do significado, os dicionários devem responder às dúvidas do consultante sobre uma série de aspectos do léxico, fonológicos, sintáticos e pragmáticos.

Essas informações são respondidas, na grande maioria das vezes, pelos verbetes dos dicionários, texto composto pela palavra-entrada e pela

microestrutura<sup>3</sup>, que, segundo Pontes (2009, p. 95), trata-se de um “conjunto de paradigmas e estruturas dispostas horizontalmente, ou seja, linearmente, após a entrada, dentro de cada verbete”. Os paradigmas, portanto, são esses elementos informativos sobre as entradas, como etimologia, informações fonéticas e definição. Alguns são quase obrigatórios, enquanto outros são facultativos, dependendo do objetivo e do público para o qual a obra lexicográfica é direcionada (PONTES, 2009). Um dicionário escolar, por exemplo, apresenta um programa de microestrutura com os seguintes paradigmas: definição, exemplo de uso, marcas de uso e remissivas.

A definição, um dos elementos constituintes da microestrutura, segundo Bugueño Miranda e Farias (2011, p. 32) seria o “resultado da reescrita do conteúdo” de uma unidade léxica. Nesse sentido, uma equação sêmica<sup>4</sup> (LARA, 1996 citado por BUGUEÑO MIRANDA; FARIAS, 2011) forma-se no interior do verbete para que se compreenda os significados de uma palavra.

Para compreender melhor esses processos de construção das definições lexicográficas, Bugueño Miranda (2009) propõe uma teoria que se fundamenta em três princípios: a) uma taxonomia de paráfrases definidoras; b) um padrão sintático; c) um modelo semântico.

O primeiro dos fundamentos, foco deste artigo, segundo ainda os autores, baseia-se em duas perspectivas: 1) a perspectiva do ato da comunicação; e 2) a metalinguagem.

A recepção ou a produção linguística determina o ponto de partida no ato da consulta, que pode ser o significante (perspectiva onomasiológica) ou o significado (perspectiva semiosiológica). De acordo com essa orientação, essa perspectiva pode assumir uma concepção intencional ou extensional.

A concepção intencional (de perspectiva semasiológica) se apoia num conjunto de traços que caracterizam uma determinada entidade, ou seja, trata-se da enumeração dos principais semas de uma determinada unidade léxica. Dentro dessa concepção, encontram-se: a) a paráfrase intencional analítica,

---

<sup>3</sup> De acordo com Pontes (2009), os dicionários são constituídos de quatro estruturas: macroestrutura/megaestrutura, nomenclatura, microestrutura e medioestrutura.

<sup>4</sup> O signo-lema (uma unidade léxica definida) seria equivalente à paráfrase resultante da sua reescrita (definição).

que expressa o conteúdo semântico de uma dada unidade léxica por meio de uma proposição (as definições que se baseiam no *genus proximum + differentiae specificae* são desse tipo); e b) a paráfrase intencional sinonímica que expressam conteúdo semântico de uma determinada unidade léxica por meio da substituição dessa unidade por um ou mais sinônimos.

Já a concepção extensional (de orientação onomasiológica) diz respeito aos referentes que são designados por uma dada expressão linguística. Nesse tipo de definição, aponta-se para os referentes, não para os significados. As classificações para essa concepção são: a) sinonímica, que pode “também pode ser considerada uma definição extensional, uma vez que admitida a existência de um *tertium comparationis* entre o signo-lema e o sinônimo” (BUGUEÑO MIRANDA; FARIAS, 2011, p. 246); b) substituição ostensiva, que se trata da associação de uma imagem a uma dada designação - por exemplo, um imagem representando uma palavra; e c) paráfrase extensional enumerativa que aponta para os referentes extralinguísticos, enumerando os membros mais típicos da categoria.

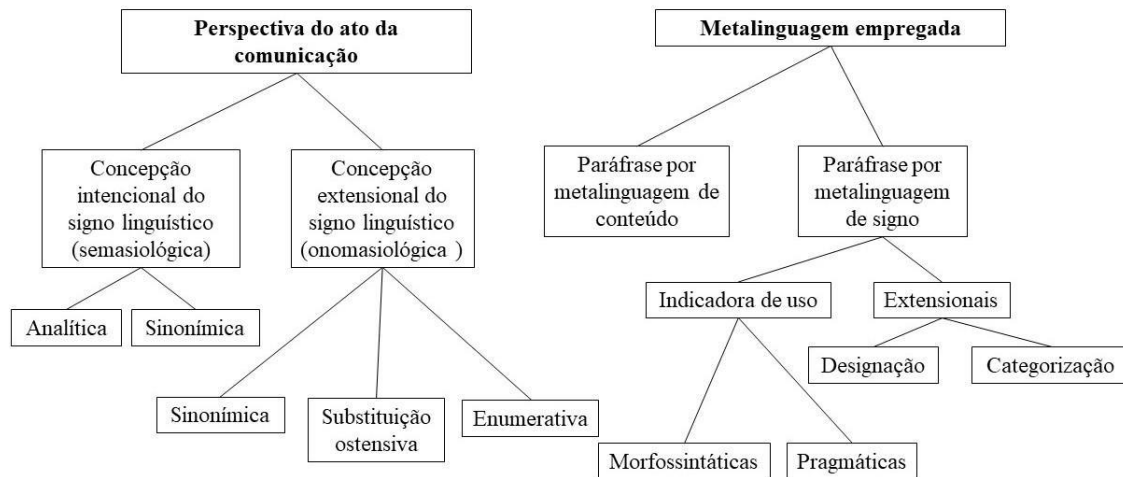
Sobre a segunda perspectiva da taxonomia discutida por Bugueño Miranda (2009), a metalinguística, os pesquisadores apresentam dois tipos: a primeira faz referência a essa unidade enquanto signo (metalinguagem de signo); e a segunda faz referência ao seu significado (metalinguagem de conteúdo). Na metalinguagem de conteúdo, as paráfrases expressam o conteúdo semântico do signo-lema. Elas podem se submeter à prova de substituição entre paráfrase e unidade léxica definida e são identificadas como as definições por *genus proximum + differentiae specificae* e as sinonímicas. Já na metalinguagem de signo, as paráfrases explicam o emprego da unidade léxica. Elas não permitem a aplicação da substituição e podem ser divididas em indicadoras de uso e extensionais. As indicadoras de uso podem ser: morfossintáticas, nas quais são informados o emprego morfológico e/ou sintático do signo-lema; e pragmáticas, nas quais são apresentados os contextos de aplicação do signo-lema.

Sobre as paráfrases por metalinguagem extensionais, elas podem apresentar: extensão por designação, quando indica a qual (ou a quais)

entidade(s) extralinguística(s) o signo-lema se aplica; e extensão com categorização, quando enumera os membros de uma categoria.

Abaixo, organizamos as categorias apresentadas pelo autor em um fluxograma para visualizarmos melhor a taxonomia desenvolvida por ele:

**Imagem 1** - Taxonomia das paráfrases definidoras segundo Bugueño Miranda e Farias (2011)



Fonte: elaborado pela autora.

Após apresentar as bases teóricas que nortearam nossas análises, passamos, a seguir, à exposição dos métodos e materiais que tornaram a pesquisa possível.

## Metodologia

Este trabalho tem natureza qualitativa e se classifica como do tipo descritiva, visto que nosso interesse está na observação e análise de um fenômeno, a definição da conjunção ‘que’ em dicionários escolares para estudantes do ensino médio. Assim, o foco deste estudo está no processo de compreensão das informações presentes nos textos analisados, não nos preocupando com quantificações, números ou estatísticas.

O *corpus* de análise deste artigo é composto por quatro ocorrências referentes à entrada ‘que’, extraídas dos quatro dicionários tipo 4 presentes no PNLD - 2012. São eles: *Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara* (BECHARA, ; *Dicionário Unesp do português contemporâneo* (BORBA, 2011);



*Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa* (GEIGER, 2011); e *Dicionário Houaiss conciso* (HOUAISS, VILLAR, 2011)<sup>5</sup>.

A escolha de dicionários do PNLD - 2012 se deve a sua importância para a Lexicografia Pedagógica brasileira, pois o programa defende a relevância dos dicionários de uso escolar para o aprendizado da língua portuguesa, identificando-o como um material didático a ser distribuído às escolas públicas do Brasil.

A análise dos verbetes que compõem o *corpus* citado foi baseada na pesquisa de Bugueño Miranda e Farias (2011), na qual os autores analisam e classificam as definições de dicionários. Desse modo, descrevemos e classificamos, de acordo com os autores, as definições dos verbetes citados.

### **Análise e discussão dos dados**

Para organizar nossas análises, apresentamos o verbete<sup>6</sup> de cada dicionário, para, em seguida, tecer comentários sobre ele. Após isso, comparamos os verbetes analisados para entender as diferenças e semelhanças entre as suas definições para a conjunção 'que'. Abaixo, o verbete do Bechara:

**que<sup>2</sup> conj. integr. 1** Introduce oração subordinada subst. com função de sujeito ou complemento (objeto direto, objeto indireto, complemento relativo, predicativo, complemento nominal ou aposto). P. ex., em 'É preciso que estudemos todos os dias', *que estudemos todos os dias* é o sujeito de *É preciso*. OBS.: 1) No português corrente, substitui: a) prep. *de*: *Tenho que sair*. b) prep. *a*: *Prefiro ouvir que falar*. 2) Por omissão de verbos como *espero*, *desejo*, etc., inicia frases de estímulo, invocação, etc.: *Que vença o melhor!* **conj. comp. 2** introduz o segundo termo da comparação, antecedido ou não da prep. *de*. *Era mais culto (do) que eles*. **conj. consec. 3** Introduce oração subordinada adverbial na qual se expressa o resultado o que foi dito na oração principal. *Estou tão cansado que não vou comer*. **conj. expl. 4** Introduce oração subordinada adverbial na qual se expressa o motivo do que foi dito na oração principal; porque, devido a. *Vá embora que você já me encheu*. **No que** No exato momento em que; assim que. **Que não** A não ser; exceto. **Que nem** Assim como; tal qual. [Do lat. *quia*] (BECHARA, 2011, p. 971)

<sup>5</sup> Doravante, faremos referência aos dicionários como Bechara, Unesp, Aulete e Houaiss.

<sup>6</sup> Como o objetivo do nosso artigo não é análise de aspectos visuais, vale ressaltar que as cópias dos verbetes analisados não apresentam todas as diferenciações de cores e tipologias dos originais.

Ao lermos a primeira acepção da conjunção 'que', que a classifica como integrante, percebemos que as informações que constam na definição não são orientadas para o conteúdo da palavra definida, mas para a sua função enquanto elemento que introduz uma oração subordinada substantiva. Assim, não podemos classificá-la seguindo a perspectiva do ato da comunicação, pois não há a indicação de um hiperônimo ou a indicação de características que as diferenciam de outros elementos da mesma classe gramatical. Também não há indicação de sinônimos. O foco da definição é realmente a identificação da palavra entrada enquanto signo, sua atuação morfossintática e seus usos. Por isso, podemos classificá-la como uma paráfrase por metalinguagem de signo, indicadora de uso, tanto morfossintática como pragmática. Notamos ainda que, dentro da definição, há um exemplo de uso, seguido por uma explicação gramatical muito parecida com as análises sintáticas que vemos em gramáticas e livro didáticos de língua portuguesa. Ou seja, o paradigma pragmático foi englobado pelo paradigma definicional, já que não há essa separação entre definição e exemplo de uso, como ocorre com as outras acepções de 'que'.

Em relação às outras definições da conjunção 'que', observamos que elas seguem o mesmo padrão: uma proposição explicativa sobre a função assumida pela palavra nas orações subordinadas, introduzindo uma oração com sentido de comparação, consequência, explicação. Há novamente uma paráfrase por metalinguagem de signo, indicadora de uso morfossintático, já que o exemplo de uso, separado da definição, desta vez, traz a indicação pragmática.

Há, nesse verbete, subentradas, locuções conjuntivas, formadas por 'que' e outras palavras. São elas: 'no que', 'que não' e 'que nem'. É interessante notar que, diferentemente das definições anteriores, as subentradas são definidas por sinônimos. Assim, podemos submetê-las à prova da substituição. As paráfrases foram construídas na perspectiva do ato da comunicação, sendo classificadas como sinonímicas. Vale ressaltar que, nessas acepções, não há exemplos de uso e nem indicações gramaticais, como nas anteriores. Não fica claro, nesse sentido, se as locuções são conjunções e qual o papel delas na construção dos períodos compostos.

A seguir, apresentamos o verbete do Unesp:

**QUE<sub>2</sub> conj** [Subordinativa. Integrante] **1** introduz uma oração que funciona como sujeito ou como complemento da principal: *É bom que você saiba logo a verdade. A pesquisa revelou que a gordura de coco-babaçu controla a taxa de colesterol.* [Comparativa] **2** introduz o segundo termo da comparação precedido ou não de **de**: *Zina é mais magra do que Jane. Pedro estuda menos do que Luciano.* [Consecutiva] [em relação com tão/tanto/tal/tamanho] **3** introduz uma oração que expressa o efeito ou a consequência daquilo que se apresenta na oração principal: *Carlinho chorou tanto que até adormeceu. Estava tão cansado que dormiu ali mesmo, no sofá. As crianças fizeram tamanha algazarra que a professora precisou mandá-las sair da sala.* [Concessiva] [+v. no subj.] **4** ainda que; embora: *O engarrafamento era imenso, ninguém avançava um centímetro que fosse.* [Temporal] **5** desde que: *Faz duas semanas que cheguei de viagem.* [Coordenativa. Aditiva] **6** e: *Basta você dar um grito que eles vêm correndo.* [Adversativa] **7** mas, senão: *O autor da brincadeira não podia ser outro que não o Paulinho.* [Explicativa] **8** apresenta a razão ou o motivo do que se constatou na oração anterior; porque: *Não chora, que não estou aqui para ouvi lamúrias.* **Prep.** [ter+ q] **9** de: *Tínhamos que viajar até Limeira.* **Q. nem/só** como: *Dizem que ele morreu que nem um passarinho.* Em frases interrogativas e exclamativas, a expressão **ser+ que** pode reduzir-se a **que**, no registro coloquial: *Quem foi que disse isso? > Quem que disse isso? Quanto era que custava a bicicleta? > Quanto que custa a bicicleta? Como é que uma pessoa pode ser tão falsa! > Como que uma pessoa pode ser tão falsa!* (BORBA, 2011, p. 1154)

Ao lermos o verbete ‘que’ do Unesp, notamos que ele traz mais classificações para essa conjunção do que o do Bechara. Assim, temos nove acepções<sup>7</sup> e duas subentradas para explicar a palavra definida. As três primeiras definições, relativas à partícula enquanto conjunção subordinativa integrante, comparativa e consecutiva são definidas através de indicações de uso morfossintáticos, nas quais se acentua o papel do ‘que’ na construção das orações subordinadas. Embora as classificações desse tipo de oração não tenham sido mencionadas, termos da análise sintática tradicional como ‘sujeito’, ‘complemento’ e ‘oração principal’ são citados nas definições. É interessante notar ainda que, na segunda e terceira acepções, é informado ao leitor que o ‘que’ pode vir em contextos de comparação e consequência acompanhados de outras palavras (‘de’, ‘tão’, ‘tanto’, ‘tamanho’) que são retomadas nos exemplos de uso. Observamos, nesse sentido, que o dicionário não assume essas construções como locuções conjuntivas, pois marca as fraseologias como subentradas. Além disso, na segunda definição, o ‘de’ é negrito para mostrar que ele participa da comparação junto com o ‘que’. Na

<sup>7</sup> A nona definição não será analisada neste artigo, porque identifica o ‘que’ como preposição, e nosso foco é sua classificação como conjunção.

terceira definição, essa distinção se faz na informação gramatical, pois o dicionário, entre colchetes, ressalta que o 'que', ao se relacionar com as palavras mencionadas, introduz orações que expressam consequência. Essa escolha da obra diverge de gramáticas normativas, como Cunha e Cintra (2017) e Azeredo (2008), que assumem 'tanto que', 'tão que' e 'de que' como locuções conjuntivas.

A quarta, a quinta, a sexta e a sétima definições apresentam sinônimos para a palavra entrada, então, podem ser classificadas como paráfrases por sinonímia. Observamos, nesse sentido, que o dicionário muda o foco da definição, sem trazer qualquer explicação ao leitor, visto que nessas definições sinonímicas não há qualquer menção à função sintática do 'que' enquanto conjunção concessiva, temporal, coordenativa aditiva e adversativa. Não há indicações sobre a sua função nos períodos complexos, o que pode causar um estranhamento ao leitor, especialmente se ele for ao dicionário para sanar dúvidas sobre os contextos de uso dessa palavra.

A oitava definição para o 'que' junta os dois métodos vistos nas anteriores. Ela apresenta duas paráfrases: uma indicadora de uso morfossintático e a outra sinonímica. Mas, na paráfrase indicadora de uso, em vez de usar o termo 'introduz' para iniciar a definição, como ocorre nas anteriores, o dicionário opta por 'apresenta'. Embora não tenha sido indicado na informação gramatical, trata-se de uma conjunção coordenativa, o que podemos conferir pelo exemplo de uso, composto por duas orações independentes. Então, não faria sentido dizer que o 'que' introduz uma oração, quando ele funciona como conector nesses casos. Assim, seria necessário que o dicionário esclarecesse ao leitor essa diferença entre conjunções subordinativas e coordenativas, pois isso pode gerar muito equívocos.

Com relação à subentrada, ela também é construída através de sinonímia, de apenas uma palavra: 'como'. O exemplo de uso, nesse caso, é de extrema importância, pois é necessário um contexto para que o consulente possa substituir a palavra definida pelo sinônimo apresentado, atestando ou não se esse sentido é o que ele está buscando para compreender ou escrever um texto.

Para dar continuidade às nossas análises, apresentamos o verbete do Aulete:

**que<sup>2</sup> conj. 1** Introduz oração com função de sujeito, complemento, predicativo de outra oração (p. ex.: em *Pensei que hoje fosse chover, que fosse chover* é o complemento de *pensei*) [a) No português corrente, substitui: 1) prep. *de*: *Tenho que sair agora.* 2) prep. *a*: *Prefiro ouvir que falar.* b) Por omissão de verbos como *espero, desejo* etc., inicia frases que expressam estímulo, invocação etc.: *Que vença o melhor!*] **conj. comp. 2** Introduz o segundo termo da comparação, podendo ser precedido ou não da prep. *de*: *Era mais alto (do) que qualquer outro de sua idade.* **conj. conse. 3** Introduz oração que é consequência do que foi dito na oração principal: *Estava tão atrasado, que esqueceu os documentos.* **conj. expl. 4** Porque; devido a: *Não lhe ofereça carne, que ela é vegetariana.* **No** ~ Assim que; quando: *No que ele saiu, começou a chover.* (GIEGER, 2011, p. 1138)

Após a leitura do verbete ‘que’ do Aulete, notamos que o texto das definições é muito semelhante ao dos dicionários analisados anteriormente. A conjunção integrante é definida através de paráfrase indicadora de uso morfossintático e pragmático, como ocorreu com o Bechara, visto serem as duas definições muito parecidas. A segunda definição, referente à conjunção subordinativa comparativa também apresenta paráfrase indicadora de uso morfossintático. A mesma paráfrase é usada ainda na terceira definição, relativa à conjunção consecutiva. Notamos, assim como nas outras obras, a presença do verbo ‘introduzir’ para iniciar as paráfrases, o que parece indicar que esses dicionários tiveram a gramática normativa como base para a construção dos verbetes.

A quarta definição, que classifica a conjunção como explicativa, utiliza sinônimos para definir a palavra entrada, o que difere das outras definições desse verbete. É interessante destacar ainda que essa definição não menciona que esse elemento, no contexto em que foi usado no exemplo de uso, assume uma função de conector, visto ser o período apresentado formado de orações independentes, numa relação de coordenação. Talvez seja essa a razão da opção do dicionário por utilizar um sinônimo em vez de uma paráfrase indicadora de uso.

Com relação às subentradas, estas são definidas através de sinonímia e apresentam também exemplos de uso, o que pode facilitar a sua compreensão,

já que o contexto ajuda a elucidar algumas dúvidas sobre o uso de uma palavra.

Abaixo, encontra-se o último verbete da nossa análise, pertencente ao Houaiss:

**que** *prono. rel.* **1** Substitui um termo antecedente, nome ou pronome, assumindo suas funções <o rapaz *q.* passou é pedreiro> <li um livro *q.* teve boa crítica> **2** confere à oração que inicia a função de adjetivo <a casa, *q.* acabaram de construir, ruiu> *pron. ind.* **3** us. Em frase interrogativa <*q.* significa esse traço?> **4** us. Em frase exclamativa <*q.* espanto!> *conj. intg.* **5** confere à oração subordinada as funções de substantivo, p. ex., a função de sujeito na frase é necessário *que* fique bem claro, ou de objeto direto em *sabia que* tinha de tomar vacina. *conj. sub. adv.* **6** confere à oração subordinada valores circunstanciais **6.1** de causa < já *q.* as pernas tremiam, sentou-se> **6.2** de tempo <sempre *q.* liga a televisão adormece> **6.3** de fim <afastaram-se para *q.* outros não os vissem> **6.4** de proporção <à proporção *q.* os professores iam saindo, os alunos ficavam mais descontraídos> **6.5** de comparação <é teimoso *q.* nem o pai> **6.6** de consecução <tão exagerado *q.* muitos o chamam de louco> *conj. coord. explc.* **7** introduz explicação para o que antes foi dito <espere um pouco *que* a chuva já vai parar> *adv.* **8** quão <*q.* bela é a noite!> [ETIM: do lat. *quid*, do pro. interrogativo *quis, quae, quid*] (HOUAISS, VILLAR, 2011, p. 779)

É válido salientar que o Houaiss, diferente dos outros dicionários aqui estudados, escolheu apresentar a unidade léxica ‘que’ em único verbete, optando pela polissemia<sup>8</sup> e não pela homonímia, como ocorreu em Bechara, Unesp e Aulete. Essa escolha pode ser uma preocupação da obra com a facilidade de pesquisa e de leitura da palavra entrada pelo consulente, que encontraria em um único verbete todos os significados dessa palavra.

Diante disso, nossa análise inicia-se pela quinta acepção, visto que as anteriores são relacionadas à partícula enquanto pronome. É interessante notar ainda que a oitava acepção faz referência ao ‘que’ como advérbio, algo que não foi mencionado nas outras obras.

Nas definições que dizem respeito ao ‘que’ como conjunção, a quinta definição traz novamente uma paráfrase por indicação de uso morfossintático. No entanto, a palavra usada pelo verbete para iniciar essa paráfrase é

---

<sup>8</sup> Na polissemia, entende-se que um mesmo termo possui vários significados, por isso, esses sentidos são organizados em um único verbete. Na homonímia, compreende-se que termos diferentes possuem a mesma grafia, o que faz com que sejam registrados em verbetes distintos.

'confere', não utilizada ainda por nenhum dicionário. Esse detalhe é importante, porque se alinha a visão de Bechara (2009) e Bagno (2012), de que as conjunções integrantes são transpositores/nominalizadores de orações, fazendo com que assumam funções gramaticais de substantivos, adjetivos ou advérbios.

A sexta acepção é referente à conjunção subordinada adverbial, que é tratada de modo diferente dos outros dicionários, pois apresenta subdivisões que exemplificam as subclassificações desse tipo de conjunção. Há, nesse sentido, a paráfrase principal e as especificações das 'circunstâncias' (causa, tempo, finalidade, de proporção, de comparação e consecução). Aqui, vemos novamente uma paráfrase por indicação de uso morfossintático, com a utilização da palavra 'confere', o que reforça a ideia de que a partícula 'que' é vista como um transpositor.

Na sétima definição, para a conjunção coordenada explicativa, o verbete se utiliza de paráfrase por indicação de uso pragmático. Mas, como podemos notar, o verbo utilizado pela definição é 'introduz', pois se trata de uma conjunção coordenativa, que conecta orações independentes, que não perdem sua função de oração no período composto, isto é, não são nominalizadas pela conjunção.

Vemos ainda que esta definição não se utiliza de termos relativos à sintaxe com as anteriores. A referência à gramática é feita na informação gramatical, e o exemplo de uso reforça a ideia da conjunção como um elemento de conexão entre orações coordenadas. Mas essas informações podem ser deixadas de lado se o aluno não ler atentamente todo o verbete ou ter como foco apenas a definição, como comumente acontece com consultantes que não têm experiência com a leitura de dicionários ou orientação sobre como utilizá-los.

No quadro a seguir, para comparar as informações dos dicionários, registramos todos os tipos de definições encontradas nos verbetes:

**Quadro 1** – Tipos de definições da conjunção “que” em dicionários do tipo 4  
do PNLD (2012)<sup>9</sup>

<b>Classificação gramatical</b>	<b>Bechara</b>	<b>Unesp</b>	<b>Aulete</b>	<b>Houaiss</b>
Conj. int.	IUMP	IUM	IUMP	IUM
Conj. comp.	IUM	IUM	IUM	IUM
Conj. consec.	IUM	IUM	IUM	IUM
Conj. conses.		S		
Conj. temp.		S		IUM
Conj. causal				IUM
Conj. final				IUM
Conj. prop.				IUM
Conj. expl. (subor.)	IUM			
Conj. expl. (coord.)		IUM / S		IUM
Conj. aditiva (coord.)		S	S	
Conj. Adver.		S		
Subentradas	S	S	S	

Fonte: elaborado pela autora.

Ao observarmos o quadro, constatamos que os quatro dicionários analisados se utilizam de dois tipos de paráfrase para definir as conjunções ‘que’: IU e S. São utilizadas, nesse sentido, as duas perspectivas citadas por Bugueño Miranda e Farias (2011), o do ato da comunicação e da metalinguagem empregada. Vemos ainda que os verbetes estudados não apresentaram regularidade quanto às classificações gramaticais das conjunções, o que fez com que alguns sentidos apareçam somente em um dicionário, como as subclassificações para as conjunções adverbiais no Houaiss, a conjunção concessiva no Unesp e a explicativa (subord.) no Bechara.

<sup>9</sup> Para facilitar a organização do quadro, usamos as seguintes siglas para os tipos de paráfrases: IU – indicadoras de uso; M - morfossintático; P - pragmático; e S - paráfrase sinonímica.



Quanto aos aspectos em comum, notamos que todos os dicionários registraram as conjunções integrantes, comparativas e consecutivas e as definiram através de paráfrases IU. Unesp e Houaiss utilizaram IUM, e Bechara e Aulete IUMP. As subentradas, nos três dicionários em que aparecem, foram definidas por sinonímia, outro aspecto semelhante. Dois dicionários (Unesp e Houaiss) apresentaram a categoria conjunção coordenativa explicativa e a definiram por meio de IUM, embora o Unesp tenha se utilizado também de sinônimos. Apenas Unesp e Aulete fizeram referência à conjunção aditiva, definindo-a por sinonímia. A conjunção temporal foi registrada por Unesp e Houaiss, mas com tipos de paráfrase diferentes, S e IUM, respectivamente.

Por fim, acreditamos que a maior presença de IU nas definições se deve a dificuldade de definir palavras que são consideradas gramaticais, as quais são, muitas vezes, explicadas em vez de definidas. Entretanto, a ocorrência de definições por sinônimos também traz à tona a ideia de que o 'que' possui não só uma função sintática, mas um significado, aproximando-se das palavras ditas lexicais.

## **Considerações finais**

Ao analisarmos os tipos de definição para a conjunção 'que', sob a perspectiva de Bugueño Miranda e Farias (2011), em dicionários do tipo 4, constatamos que as paráfrases por IU e as S são as mais frequentes para essa palavra-entrada. Não houve nenhuma ocorrência das outras paráfrases discutidas pelos autores.

Em nossas análises, também notamos que as definições foram construídas tendo como base a gramática de orientação normativa, dada a presença de termos da análise sintática, como sujeito, objeto direto, oração principal, além de explicações de uso gramatical do elemento definido. Isso pode ser motivado pela proposta pedagógica dos dicionários em questão, adequados a estudantes do ensino médio, teoricamente, produtores de textos que serão avaliados em seleções e concursos nos quais se exige a norma culta.

Mas a escolha desses dicionários por essa linguagem mais técnica, que se aproxima da gramática, pode gerar uma série de dúvidas aos consulentes, pois, para compreender algumas definições, é necessário ter conhecimentos prévios sobre sintaxe, o que muitos alunos ainda não desenvolveram. Além disso, é preciso que o dicionário escolar também seja um material em que a língua possa ser vista de maneira contextualizada, apresentando o léxico que a constitui em todas as suas faces: gramatical, semântica, pragmática e discursiva. Assim, poderia contribuir com o ensino de gramática de modo mais significativo, alinhado a uma visão funcionalista da língua.

## Referências

- BAGNO, M. **Gramática Pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BECHARA, E. **Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- BIDERMAN, M. T. C. O dicionário padrão da língua. **Alfa**, São Paulo, v. 28, p. 27- 43, 1984.
- BORBA, F. S. **Dicionário Unesp do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Programa Nacional do Livro Didático – Dicionários**. Com direito à palavra: dicionários em sala de aula. Brasília: MEC/ SEB, 2012.
- BUGUEÑO MIRANDA, F.; FARIAS, V. S. Princípios para o desenvolvimento de uma teoria da definição lexicográfica. **Alfa**, São Paulo, v. 55, p. 31-61, 2011.
- BUGUEÑO MIRANDA, F. Para uma taxonomia das paráfrases explanatórias. **Alfa**, São Paulo, v. 53, p. 243-260, 2009.
- CARVALHO, O. L. S. Dicionário escolares: definição oracional e texto lexicográfico. *In*: CARVALHO, O. L. S.; BAGNO, M. (orgs.). **Dicionários escolares: políticas, formas e uso**. São Paulo: Parábola editorial, 2011. p. 87-104.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- FARIAS, V. S. **Sobre a definição lexicográfica e seus problemas**: fundamentos para uma teoria geral dos mecanismos explanatórios em dicionários semasiológicos. 2013. 398 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

GEIGER, P. (org.). **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa.**

Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

HOUAISS, A. (org.); VILLAR, M. S. (ed. resp.). **Dicionário Houaiss conciso.** São Paulo:

Moderna, 2011.

PONTES, A. L. **Dicionário para uso escolar: o que é e como se lê.** Fortaleza: EdUECE,

2009.

Recebido em: 24-10-2020

Aprovado em: 18-12-2020